

O Grupo de Estudos Feminismo Negro: um relato de experiência sobre um projeto de ensino como estratégia de resistência

The Grupo de Estudos Feminismo Negro: an experience report of a teaching project as a resistance strategy

■ Carine Ortiz Fortes e Cassiane de Freitas Paixão

Resumo

Este estudo tem como intenção refletir sobre resistência e afetividade negra no âmbito acadêmico partindo da análise de um grupo de estudos de feminismo negro, ofertado durante dois anos como parte das atividades do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. O grupo era aberto à comunidade acadêmica e não acadêmica, e pretendia compreender teoricamente as categorias de gênero, raça, sexualidade e classe numa perspectiva interseccional. Ao nos permitirmos compartilhar momentos de reflexões, compartilhamos também vínculos afetivos e importantes mudanças individuais e coletivas. Sabemos que a formação de coletivos e grupos negros são fundamentais tanto à permanência nas instituições quanto às promoções de laços. Assim, o objetivo é entender como as discriminações citadas influenciam a afetividade; e o grupo de estudos tal qual estratégia de existência de discentes e docentes negros e não-negros frente à uma estrutura homogênea e eurocêntrica.

Palavras-chave

Racismo institucional; Grupo de estudos; Resistência; Afetividade; Pedagogia antirracista.

Abstract

This study intends to reflect about black resistance and affectivity on academic scope starting from the analysis of a group of studies of black feminism, offered for two years as part of the activities of the Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) of the Universidade Federal do Rio Grande - FURG. The group was open to the academic and non-academic community, and intended to understand the categories of gender, race, sexuality and class in an intersectional perspective. By allowing ourselves to share moments of reflection, we also share emotional bonds, and important individual and collective changes. We know that the formation of collectives and black groups are fundamentals both to stay in institutions and to promote ties. Thus, the objective is to understand how the aforementioned discriminations influence the affectivity; and the study group which is a strategy for the existence of black and non-black students and teachers in the face of a homogeneous and eurocentric structure.

Keywords

Institutional racism; Group of study; Resistance; Affectivity; Anti-racist pedagogy.

Introdução

Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer

Conceição Evaristo

O presente trabalho busca contribuir para a construção de conhecimento e reflexões acerca de temas que constituem as nossas experiências enquanto pessoas negras no âmbito da afetividade e da academia, e em como isso é construído simbolicamente dentro de uma estrutura social baseada em desigualdades, hierarquias e poder. Para tal, consideramos que o conceito de interseccionalidade nos permite visualizar a maneira como os eixos de subordinação, que estruturam as relações sociais, estão conectados e estabelecidos uma vez que “o racismo, o patriarcado, a opressão de classe, sexualidade e entre outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras identidades” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Acreditamos que estes eixos de subordinação podem ter enquanto características, agrupamentos de recursos materiais e simbólicos disponibilizados às sociedades, com o intuito de assegurar a conformidade do comportamento de seus membros a um conjunto de regras e princípios pré-estabelecidos e sancionados (BOUDON; BOURRICAUD, 1993, p. 101) nas práticas sociais, que se baseiam na constituição histórica, cultural e social de cada território. Assim, é preciso também considerar que estes diferentes mecanismos de exclusão estão institucionalizados nas nossas relações sociais e afetivas; e são produtos e produtores de formas de se relacionar com o outro, produzindo inclusive, o fenômeno sociocultural da outridade¹, portanto, influenciando de forma ainda permanente as experiências afetivas.

As identidades negras encontram-se em um contexto que potencializa as diferentes vulnerabilidades e inseguranças que se concretizam a partir das discriminações de raça, gênero, classe, sexualidade e outras. Neste sentido, cabe designar a importância que a colonialidade possui na compreensão de que existe uma única identidade homogênea e ideal, uma “única forma correta” de Ser e Estar no Mundo. A colonialidade enquanto projeto e matriz civilizatória, configura a modernidade de tal forma que é inadmissível refletir sobre a modernidade sem refletir sobre a colonialidade do poder (MIGNOLO, 2005, p. 7).

Além disso, neste trabalho também nos interessam outras formas de experienciar a afetividade, não só aquelas negativas que a população negra vivencia a beira da segregação social, como também as estratégias de integração que este grupo encontra para promoção de saúde mental, autonomia e sobrevivência frente a uma estrutura que se pretende racista, misógina, sexista, LGBTQIA+fóbica tal qual as instituições de ensino superior.

Partimos, portanto, de uma discussão realizada junto ao Projeto de Ensino “Grupo de Estudos Feminismo Negro”, proposto pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI-FURG) e aberto para a comunidade acadêmica e não acadêmica, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande. Uma vez que esse grupo de estudos surge de inquietações no que tange a construção de laços sociais, e pode ser pensado como uma forma muito potente de permanência em espaços sociais com estruturas de dominação já existente, além de um processo constante de desobediência epistêmica ao tratar de temas tão caros à sociedade brasileira e às instituições acadêmicas. A formação do grupo de estudos nos auxilia a pensar também em uma pedagogia antirracista e decolonial ao

¹ Ler o capítulo 5 “Políticas Espaciais”, sub-capítulo 3: ““(…) Querem ouvir uma história exótica’ - Voyeurismo e o prazer da Outridade”, página 118 do livro *Memórias de Plantação: Episódios de racismo cotidiano* publicado em 2019, fruto da tese de doutoramento de Grada Kilomba.

possibilitar “a superação tanto de padrões epistemológicos hegemônicos no seio da intelectualidade brasileira quanto a afirmação de novos espaços de enunciação epistêmica nos movimentos sociais” (OLIVEIRA; CANDAU, 2009, p. 36).

E para entender sua concepção de como o grupo se constitui precisamos abordar concepções que se tornaram fundamentais para pensar o grupo de estudos e como poderíamos interpretá-lo como um espaço construído por afetividades.

A afetividade em meio a desigualdades sociais

Falar de afetividade, de escolhas, de solidão é colocar em xeque (desmontar) os sistemas de preferências que prescindem a ideia de brasilidade, posto que as mulheres negras [e os homens negros] aparecem como corpos sexuados e racializados, não afetivos, na construção da Nação (PACHECO, 2008, p.16).

A afetividade pode ser representada como um vasto campo de conhecimento que nos auxilia na compreensão do sujeito para com a sua realidade e apreensão do Mundo. É possível observar muitos estudos nas áreas das Ciências Humanas e Ciências Sociais. Na área da Educação, por exemplo, há uma grande produção de conhecimento que visa compreender a união entre a afetividade e a aquisição do conhecimento. Podemos dizer, que a afetividade tem um papel fundamental e reconhecido no desenvolvimento humano.

O Dicionário Aurélio (1994) significa a palavra “afetividade” como: “Psicol. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza”.

Segundo Pain (1991), o afeto é situado em dois níveis:

a) o da categoria dos afetos, reconhecíveis como estados ou sinais específicos de um estado emocional e b) o da categoria dos valores afetivos, onde se produz a transformação da emoção em um valor dentro de um sistema simbólico. As operações que atingem tal transformação não pertencem ao domínio das sensações emotivas, mas a uma estrutura independente, tributária da função semiótica geral (PAIN, 1991, p. 39).

Podemos caracterizar também como uma subjetiva manifestação de energia e valores que “constrói a partir do sistema simbólico, a afetividade e revela toda a riqueza das possibilidades das interações humanas, tanto ao nível das relações interindividuais de trocas subjetivas, quanto das relações sujeito-objeto de conhecimento” (ALMEIDA, 1993, p. 40).

Desta forma, é possível perceber que a afetividade se objetiva mediante as e pelas relações sociais, e portanto, sofre ativamente influência da forma como as estruturas estão organizadas na sociedade, podendo assim, potencializar ou dificultar aquisições de habilidades emocionais e pessoais. Vale ressaltar que a diferença entre um e outro não está na quantidade dos afetos experienciados, mas a qualidade destes que serão vivenciados pelo indivíduo em sua comunidade.

O que vemos quando nos aventuramos a pensar sobre a união entre os temas “afetividade” e “pessoas negras” é que há importância em investigar a maneira como são construídos os símbolos

acerca dessa população. Reiteramos que essa investigação não se faz a luz da neutralidade e distanciamento ressaltados pela epistemologia vigente dentro do âmbito da produção de conhecimento, muito pelo contrário, se identifica com a prática de desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008) e tem como ponto de partida os sentimentos produzidos pelos encontros do grupo de estudos. Este estudo se propõe a reivindicar o “sentir para existir” ao invés de “pensar para existir” como propõe a sentença cartesiana. E para isso, é importante considerar a importância da formação da coletividade para sentir a existência.

Estudar sobre afetividade e pessoas negras, implica em abrir portas e janelas à sensibilidade para as diferentes dimensões e, principalmente, discriminações que orbitam as nossas realidades, neste caso, o racismo, o gênero, e também questões que envolvem classe e sexualidade, e a má qualidade, por vezes ausência, de relacionamentos interpessoais saudáveis. A história do Brasil sistematicamente insiste e repete violências físicas, psíquicas e simbólicas, ou seja, aquela “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas que exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas e do conhecimento” (BOURDIEU, 1999, p. 7-8), direcionadas às pessoas negras.

Nos encontramos constantemente em um vácuo, um espaço vazio, que não se restringe a limites de raça ou gênero, sexualidade, ou classe, mas que se sustenta a partir de dicotomias que compreendem os negros em um lado da ponte e as mulheres, em outro (MIRZA, 1997 *apud* KILOMBA, 2019, p. 97) e desconsideram outras expressões de gênero. Os nossos corpos recebem as marcas do ódio direcionado a tudo o que desvia do homem, branco, cisgênero, heterossexual de classe média e europeu. E sofremos constantes processos de apagamento e deslegitimação ao longo da vida. Somos castrados de vivenciar sentimentos e sensações, além de possibilidades negadas, ao sermos reduzidos à genitália, à carne, à hostilidade e violência, à infantilização, vadiagem, periculosidade e abuso. Esses foram temas e questões também abordadas pelo grupo, mesmo que não haja inicialmente uma proposta para isso; no entanto, entendemos que nenhum de nós ocupa lugar de “prestígio” em uma realidade que goza com a nossa morte, seja física, seja ontológica.

É possível inferir que esta normalização dessas violências é possível e aceitável na medida que fazem parte do estado usual da estrutura social brasileira, que se mantêm ao longo dos séculos, elaborando símbolos negativos que são permitidos e compartilhados socialmente, e internalizados às subjetividades de todos que se desenvolvem nessa conjuntura. A imagem das pessoas negras é confeccionada sob estereótipos vinculados à violência, submissão, exotização e subalternização, atribuindo características imagéticas e fantasiosas (seja conscientes ou inconscientes) que configuram o corpo negro enquanto “uma coisa” que serve e concede prazer ao Outro, neste caso, ao branco. Na atualidade, é possível notar os reflexos disso, como por exemplo, no comprometimento do reconhecimento profissional, intelectual e afetivo de pessoas negras e que, conseqüentemente, produz efeitos na autopercepção, na autoestima e confiança.

De acordo com as autoras Fernandes e Souza (2016, p. 106), em “Identidade Negra entre exclusão e liberdade” são “os marcadores sociais em determinado sentido estabelecem limites através dos quais os sujeitos constroem suas identidades, incidindo assim na sua produção”. Assim, a pessoa negra recebe uma espécie de “marca” do estigma, tendo sua tonalidade de pele utilizada como o principal elemento de discriminação.

Torna-se importante ressaltar que a Ciência teve considerável importância na produção de conhecimento acerca das diferenças entre pessoas negras e brancas, que foram (são ainda) utilizadas de justificativas para que se cometam atrocidades. A Eugenia, por exemplo, foi um movimento científico e social que proibia e controlava interações entre os povos, ao considerar o não-branco como ameaça à civilização humana (SCHWARCZ, 1993) e representação de degeneração social e psíquica.

A pesquisa de Hasenbalg (1979) demonstra que as desigualdades raciais coexistem e se nutrem da desigualdade social. Para o autor, isso se manifestaria de diferentes maneiras, mas principalmente pela falta de oportunidades sociais gerando a desinserção e exclusão do negro. Com isso, temos o incessante boicote de políticas públicas que visam o desenvolvimento da população negra, majoritariamente composto por mulheres negras, e o ânsia genocida do Estado que tem jovens como alvo. O intuito do racismo não é a pessoa em si, mas uma certa forma de ser e estar no Mundo (FANON, 1969), pois gera efeitos quase irreparáveis ao sujeito utilizando-se de mortes físicas, ontológica, histórica, cultural, identitária das comunidades e corpos negros.

Já o gênero foi um conceito que vem sendo debatido há pouco tempo, mas precisamente a partir da década de 70, com a finalidade de “compreender as relações estabelecidas entre os homens e as mulheres, os papéis que cada um assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles” (PEREIRA; RODRIGUES, 2010, p. 160) mas que em sua gênese, não contempla nenhuma demanda que não a de mulheres brancas.

Esse apagamento da luta e resistências negras é resultado da corporificação de significantes históricos de existência enquanto categoria, vista há séculos como corpo-objeto e não, corpo-humano. Portanto, o sofrimento não é fidedigno, seja este qual for. Além disso, a autora Lélia Gonzalez (1984, p. 224) adverte que os papéis atribuídos às mulheres negras, por exemplo, se configuram entre a mulata, a doméstica e a mãe preta. Segundo ela:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Consequentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele é que habitualmente nós vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de **mulata, doméstica e mãe preta** (grifo nosso) (GONZALEZ, 1984, p. 224).

Assim, é de extrema importância analisar de maneira crítica essas estruturas que ainda desempenham papel fundamental na construção da memória brasileira, concretizada através dos livros, revistas, jornais, novelas, propagandas, entre outras formas, mas baseadas em uma narrativa sempre contextualizada e formadora de opinião ora no senso comum, ora na epistemologia, consequentemente imbricadas a estereótipos e reforçadores de exclusão de pessoas na medida que, as pessoas negras, no imaginário social, só servem para serviços sexuais e braçais destituindo-se de qualquer possibilidade afetiva, intelectual ou de qualquer outra ordem, contribuindo para os traumas coloniais. Desta forma torna-se imprescindível ter consciência que

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, consequentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra (HALL, 1997, *apud* FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 104).

Uma sala cheia e o sentir-se só

De acordo com a etimologia da palavra solidão é referida a ‘só’, termo que, por sua vez, vem do latim *solus* e pode significar tanto ‘desacompanhado’ e ‘solitário’ como ‘único’ (CUNHA, 2001, p. 600). No português brasileiro, faz-se diferença entre as palavras “solidão” e “solidude”, onde uma caracterizar-se pela “ausência afetiva do outro e está intimamente relacionada com o sentimento, com a sensação de se estar só” (MOREIRA; CALLOU, 2006, p. 69); e a outra, é vista como uma conquista, uma forma de estar positivamente só, sem que isso cause sofrimento.

Apesar de atualmente debatermos mais sobre a solidão de mulheres negras, é importante ressaltar que a solidão deve ser vista enquanto um componente coletivo. Essa afirmativa, apesar de parecer irônica, têm bastante relevância se for entendida enquanto fruto de ideologias e práticas socioculturais que regulam influenciam as preferências afetivas, o que nos permite pensar na construção sociológica e ideológica da racialização em que o isolamento social, intelectual e físico é reflexo das discriminações sociais.

O fato é que as nossas imagens encontram-se em cadeias associativas que nos relacionam diretamente à pobreza, violência, falta de inteligência e outros estereótipos racistas. Esses estereótipos permeiam relações estabelecidas seja no campo educacional, como profissional, e/ou nas relações sociais que se desenvolvem ao longo do cotidiano, assim, não precisamos somente mostrar que somos “dotados de inteligência, mas que [se] têm capacidade de influir na sociedade brasileira. Mais do que tensões, são ideologias marcadas pelo racismo, pela ideologia do branqueamento, pelo racismo científico, pelo epistemicídio” (OLIVEIRA, 2018, p. 2), resultando em diferentes exclusões ao longo da vida. Isso se dá de tal forma que “a combinação entre racismo e sexismo [e outras categorias de exclusão] implica em sermos vistas como intrusas por pessoas de mentalidade estreita” (HOOKS, 1995 p. 457). Nessa perspectiva:

O racismo/sexismo epistêmico é um dos problemas mais importantes do mundo contemporâneo. O privilégio epistêmico dos homens ocidentais sobre o conhecimento produzido por outros corpos políticos e geopolíticas do conhecimento tem gerado não somente injustiça cognitiva, senão que tem sido um dos mecanismos usados para privilegiar projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo. A inferiorização dos conhecimentos produzidos por homens e mulheres de todo o planeta (incluindo as mulheres ocidentais) têm dotado os homens ocidentais do privilégio epistêmico de definir o que é verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais. Essa legitimidade e esse monopólio do conhecimento dos homens ocidentais tem gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo (GROSFUGUEL, 2016, p. 25).

Temos, portanto, como mecanismo de enfrentamento e estratégia de sobrevivência e permanência a estes ambientes, a criação autônoma de “espaços de resistência, liberdade, empoderamento, fortalecimento, politização, estudos e afetividade” (CAIXETA, 2016, p. 8).

O Grupo de Estudos de Feminismo Negro como uma possibilidade de (re)existência

Como já mencionado anteriormente, o “Grupo de Estudos Feminismo Negro” foi um Projeto de Ensino, disponível para a comunidade acadêmica e não acadêmica, proposto pelo NEABI da

Universidade Federal do Rio Grande - FURG, localizada no extremo Sul do Brasil. O grupo de estudos teve o seu início em Agosto de 2018, como parte das atividades propostas pelo NEABI-FURG, com o intuito de “promover um espaço de reflexão sobre as temáticas vinculadas à relações étnico-raciais, suas implicações e desdobramentos na sociedade, com o foco nas especificidades das mulheres negras” (FORTES; PAIXÃO, 2019, p. 1) no compartilhamento de leituras diversas. É importante considerar que a construção do Rio Grande do Sul é transpassada pelo proposital apagamento histórico e contribuição da população negra para o Estado, sendo este considerado mais racista do Brasil. É importante ressaltar que o Grupo de Estudos Feminismo Negro foi pensado, organizado, e concretizado por uma das autoras deste trabalho, a Dra. Cassiane de Freitas Paixão, atual coordenadora do NEABI, que ao visualizar a necessidade de um ambiente de reflexões e fortalecimento, constrói o projeto de ensino. Já a graduanda Carine Ortiz Fortes, se insere no projeto a partir da função de monitoria, onde as principais funções eram auxiliar na construção da agenda de encontros, seleção e debate de textos.

O projeto de ensino foi oferecido quinzenalmente durante os semestres letivos, do início de 2018 até o final de 2019, e ocorreu às terças e quintas-feiras no período da manhã, e quartas-feiras à tarde. A decisão do horário foi dada horizontalmente, partir da organização das agendas dos estudantes que participavam do grupo. O grupo era composto por cerca de 7 alunos de diferentes cursos e níveis de graduação, orientações sexuais, gêneros e classes sociais. O que orientou este projeto foi a formação de um ambiente de trocas, onde se questionava as expressões sociais, culturais e epistêmicas racistas, sexistas e políticas a partir da compreensão da interseccionalidade e como estes geram efeito na estrutura e construção social, institucional e pessoal.

O primeiro ano do projeto foi dedicado a compreender principalmente as bases dos pensamentos feministas negros, pois acreditávamos que há muita necessidade em compreender aquilo que já foi feito para que nós pudéssemos acessar os ambientes atualmente. Já no segundo ano do projeto, concomitantemente ao grupo de estudos Feminismo Negro, é desenvolvido um clube de leitura, carinhosamente chamado de “Clube 4P - Poder Para as Palavras Pretas”, que também possui essa finalidade de construir um espaço de reflexões, partilhas e descobertas sobre as obras e autores pretos, baseando-se na indagação: “De qual maneira estamos nutrindo a nossa alma? De que cor são os nossos referenciais teóricos, intelectuais e literários?”.

No início do segundo ano do Grupo de Estudos Feminismo Negro, foi percebida a necessidade de estudar autoras que estivessem mais próximas da realidade geopolítica que é dada na América Latina; então nos atemos a compreender o pensamento feminista brasileiro através de autoras como Sueli Carneiro, Núbia Regina Moreira, Conceição Evaristo, Amanda Crispim Ferreira e outros nomes importantes, além da leitura completa do livro de Grada Kilomba (2019) “Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano”, pois é uma obra contemporânea, de fácil leitura e que considera a construção do racismo no campo da psicologia e psicanálise, e da própria subjetividade, enquanto prática de domínio, violência e produções de formas de ser. Nesse momento, precisamos expor que é intrínseca à construção desse grupo, a tentativa de “suprir” uma espécie de carência comum dos participantes dos projetos em relação à falta de representatividade negra em seus próprios cursos, independente das áreas de conhecimento e de profissionalização escolhida na Academia. O período da graduação pode se tornar solitário.

Ao pensarmos sobre o projeto, a maneira como as relações estavam sendo constituídas naquele ambiente e, ao retornarmos aos diários de campo escritos durante a realização das atividades, foi possível perceber o surgimento e a perseverança de laços de afetividade que floresciam durante as reuniões. Kurt Lewin (1952, p. 21), em uma tentativa de conceituação sobre grupos, considera esse processo como “totalidade de fatos psicológicos que não são reais em si, mas são reais porque tem efeitos”, sendo assim,

(...) possível desenvolver análises acerca das mudanças produzidas em diferentes realidades a partir da união de sujeitos com objetivos em comum, neste caso, analisar e atuar sobre as expressões e impressões do racismo na construção sócio-histórica-econômica e cultural influenciando portanto, subjetividades (FORTES; PAIXÃO, 2019, p. 3).

Ao longo do desenvolvimento das discussões propostas nos grupos, o que mais percebemos enquanto resultados desses movimentos foi a construção de autonomia, segurança, possibilidades de acreditar em uma mudança social que se concretizava a partir das nossas falas, ecoando em conjunto.

Houve também muitos momentos de intensas transformações, de autopercepção positiva de si mesmo e de uma estrutura de poder; e novas perspectivas de futuro, ao ponto de haver modificação de temas de Trabalho de Conclusão de Curso e trabalhos acadêmicos que queriam analisar a formação daquele grupo. Além de exercitar a independência em termos de pesquisa, pois no Clube 4P os participantes traziam os textos e nós debatíamos coletivamente. Construimos laços de amizade, que nos faziam perceber que não estávamos sozinhos na Universidade. Criamos um espaço onde conseguimos nos permitir estar vulneráveis, abertos e seguros para compartilhar aquilo que sentíamos com o grupo, reivindicando também o nosso espaço no campo do sentir.

Assim, podemos perceber o Grupo de Estudos Feminismo Negro como uma fonte de resiliência - um processo de reorganização, ressignificação, superação e transcendência perante vivência de contexto potencialmente desintegrador (PRESTES; VASCONCELOS, 2013, p. 2), uma vez que potencializou processos individuais e sociais, ajudando a superar a adversidade (INFANTE, 2005, p. 1), que possui uma episteme homogênea, excludente, eurocentrada, majoritariamente branca e masculina enquanto protagonistas, como são constituídas as universidades públicas brasileiras. Consequentemente, os encontros do grupo contribuíram para a produção de laços e de possibilidades de visualizar-se enquanto produtores e produtoras legítimos de conhecimento, contribuindo assim para o fortalecimento individual e coletivo de pessoas negras.

Os autores Célia R. S. Prestes e Esdras Guerreiro Vasconcelos (2013, p. 2) explicam que o país presenciou diferentes formas de resistência em que “por meio, por exemplo, de grupos organizados que preservaram as culturas, religiões, compraram a liberdade de outros(as) e vivenciaram processos de superação das enormes adversidades encontradas” a fim de sobreviver em um contexto de prejuízos, dificuldades e discrepâncias causadas pelos processos discriminatórios. Logo, o projeto de ensino “Grupo de Estudos Feminismo Negro” pode ser entendido como um grupo auto-organizado para a construção e preservação de uma intelectualidade negra, que além de desconfortos promove saúde e uma imagem positiva sobre as pessoas negras. Em concordância com o nosso trabalho, os autores supracitados tornam explícito que,

Os efeitos psicossociais do racismo são compreendidos como efeitos relacionados ao contexto amplo de aspectos intra e interpessoais, sociais e programáticos. Dessa forma, pode-se afirmar que o racismo interfere na dinâmica psicológica individual, nas relações interpessoais familiares, afetivas, profissionais e sociais, assim como nas interações com instituições e seus serviços. O caráter de prejuízo potencial que o racismo provoca nesses diversos níveis configura um quadro de vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas (PRESTES; VASCONCELOS, 2013, p. 2.).

Considerações finais

O presente trabalho pretendeu desenvolver uma análise sobre os temas que compreendem a realidade, as dificuldades e os mecanismos de enfrentamento que nós desenvolvemos – tendo em vista, o processo histórico e sistemático de exclusão e discriminação de pessoas negras. Ao longo de nossas vidas e trajetórias, desenvolvemos estratégias para potencializar as nossas existências seja no campo acadêmico, seja em outros campos. Assim, o projeto de ensino Grupo de Estudos Feminismo Negro pode ser entendido enquanto uma tecnologia de resistência à uma série de experiências negativas que podem ser experienciadas no ambiente acadêmico e ambiente orientado pela afetividade.

Além disso, acreditamos que as lutas do Movimento Negro não podem ser resumidas às “lutas por igualdade” na medida em que nos mostramos cada vez mais distantes dessa disputa por posições de poder que constituem as relações hierárquicas da sociedade brasileira. Mas sim, uma luta por respeito às nossas existências, integridades, especificidades, individualidades, coletividades e humanidades, além das nossas próprias formas de produzir nossos conhecimentos. Uma luta pela destruição dos estereótipos racistas, machistas e misóginos que continuam ainda hoje a impactar o nosso dia a dia, os nossos corpos, mas não os nossos espíritos.

Desta forma, servimos à diferentes desobediências, todos os dias, ao continuarmos vivos, lutando, reivindicando “pensar a partir da perspectiva subalterna [que] é o compromisso ético-político em elaborar um conhecimento contra-hegemônico” (GROSFOGUEL, 2009 *apud* GROSFOGUEL; BERNARDINO-COSTA, 2016, p. 19) que nos mantém em movimento e traçando, cada vez mais, estratégias de sobrevivência que nos auxiliam à existir e produzir novas formas de experienciar a realidade, que não só a partir da sobrevivência. Outras formas de construir conhecimento, de maneira coletiva e não hegemônica.

Referências

- ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. *Temas em Psicologia.*, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 31-44, abr.1993.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, abr.2016 .
- BOUDON, Raymond.; BOURRICAUD, François. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CAIXETA, Bianca Aparecida dos Santos. *Movimento negro universitário: Um olhar decolonial sobre afetos, trajetória e a organização política dos grupos/coletivos negros na Universidade de Brasília*. 2016. Trabalho de Conclusão (Graduação em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan.2002.
- CUNHA, Antonio. *Dicionário Etimológico da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.
- DICIONÁRIO AURÉLIO. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1994
- FANON, Frantz. *Pour la révolution africaine*. Paris, Maspéro, 1969.

- FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 63, p. 103-120, abr.2016 .
- FORTES, Carine Ortiz; PAIXÃO, Cassiane de Freitas. O grupo de estudos de feminismo negro: um relato de experiência e afetos. In: MPU - *Mostra da Produção Universitária*, 18, Rio Grande, 2019, p. 1-3. Disponível em: file:///D:/Downloads/871%20(4).pdf. Acesso em: 17 jul.2020.
- GONZALEZ, Lélia de Almeida. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, p. 223-244, 1984.
- GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado* [on line], vol. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1979
- HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n.2, p. 464-478, jan.1995.
- INFANTE, Francisca. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: MELILO, Aldo; OJEDA; Elbio Nestor Suarez (orgs.). *Resiliencia: descobrindo lãs próprias fortalezas*. Buenos Aires: Paidós, 2001, p. 31-54.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEWIN, Kurtin. *Field Theory in Social Science*. Londres, Editora Tavistock Publications, 1952.
- MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 71-103.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de letras da UFF – Dossiê: literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008.
- MOREIRA, Virgínia; CALLOU, Virgínia. Fenomenologia da solidão na depressão. *Mental*, v. 7, p. 67-83, 2006.
- OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. Negro Intelectual, Intelectual Negro ou Negro-Intelectual: significados presentes na literatura. In: COPENE - *Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros*, 10, Uberlândia, 2018, p. 1-18.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr.2010.
- CHECO, Ana Cláudia Lemos. “*Branca para casar, Mulata para f..., Negra para trabalhar*”: Escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008, 324 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008.
- PAIN, Sara. *A Função da Ignorância - Estruturas Inconscientes do Pensamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- PEREIRA, Edilene Machado; RODRIGUES, Vera. Amor não tem cor?! Gênero e raça/cor na seletividade afetiva de homens e mulheres negros(as) na Bahia e no Rio Grande do Sul. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 1, n. 2, p. 157-182, out.2010.

PRESTES, Clélia R. S; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Mulheres negras: resistência e resiliência ante os efeitos psicossociais do racismo. *Pamzuka News*. v. 63, n. 1. p. 1-5, nov.2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

Carine Ortiz Fortes - Graduada em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da FURG (NEABI-FURG). Bolsista de Iniciação Científica em Ações Afirmativas. E-mail: carinnefortes@gmail.com.

Cassiane de Freitas Paixão - Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos e Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito e Justiça Social da FURG. E-mail: cassianepaixao@outlook.com.